

MARGENS DO PERTENCIMENTO: A BAIXADA FLUMINENSE COMO LOCUS POÉTICO-IDENTITÁRIO

Idemburgo Frazão¹

RESUMO

Dentre as questões que se relacionam à problemática das identidades, a do pertencimento tem recebido grande atenção de estudiosos de diversas áreas do conhecimento. No bojo de tais discussões, torna-se necessário refletir também sobre as noções de lugar e de território. Se este último termo se refere a limites políticos e/ou sociais, ao contato dos seres humanos entre si, o primeiro se relaciona a algo mais íntimo, a afinidade do sujeito com o seu espaço. De acordo com o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, o lugar deve ser entendido como um lar, um espaço que possui uma relação psicológica com uma pessoa. O presente texto intenta refletir sobre aspectos identitários da Baixada Fluminense, levando em consideração noções como espaço, estigma, marginalidade, pertencimento, tratando, indiretamente da questão das migrações e tendo como eixo temático central a relação do poeta Moduan Matus, com o seu lugar, a Baixada Fluminense.

Palavras chave: Identidade; pertencimento; Baixada Fluminense; marginalidades; Moduan Matus

No centro das discussões contemporâneas sobre as identidades, encontram-se reflexões sobre as noções de lugar e de território. O termo território tradicionalmente está referido aos limites políticos e/ou espaciais. A problemática do pertencimento, tem recebido, nos últimos decênios, a atenção de estudiosos de áreas acadêmicas como a da história, da geografia, também se mostra importante para os estudos literários. O presente texto intenta refletir sobre aspectos identitários da Baixada Fluminense, levando em consideração noções como lugar, estigma, pertencimento e identidades, tendo como ponto de partida (e chegada) a relação do poeta Moduan Matus², com o seu lugar, a Baixada Fluminense.

Parte-se do trabalho do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan sobre a noção de lugar para o presente estudo. Para esse estudioso, a discussão sobre lugar deve também passar pelo campo da psicologia, devendo ser entendido como um lar, um espaço íntimo

¹ Doutor em Literatura Comparada. Professor PPG Humanidades Culturas e Artes – Unigranrio – Bolsista de produtividade Funadesp/Unigranrio.

² O presente artigo integra uma pesquisa maior sobre o poeta Moduan Matus com o financiamento Funadesp/Unigranrio.

do ser humano. Aponta-se, portanto para uma profunda relação afetiva do cidadão com o seu lugar. E Moduan Matus, embora tenha o ecletismo como marca poética e o concretismo como uma de suas maiores inclinações, costuma, reiteradas vezes utilizar questões e problemas inerentes à Baixada Fluminense como eixo tematizante.

Radicado na Região da Baixada Fluminense, que envolve os municípios, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Itaguaí, dentre outros, Edgard Vieira Matos, que optou por se autodenominar Moduan Matus, nasceu em Nova Iguaçu-RJ, em 25 de julho de 1954. O poeta iniciou sua trajetória criando poemas ao estilo da poesia marginal, da geração mimeógrafo, mais especificamente na década de 1970, que tem como expoentes, por exemplo, Ana Cristina César, Cacaso e o Chacal. Matus mantém contato, ainda hoje, com autores do período, como Chacal. Como outros poetas de sua geração também criou poemas de protesto contra a ditadura de 1964. Sua primeira publicação ocorreu em 10 de julho de 1979, na revista Equipe, número 13. Seu reconhecimento poético ocorre, como texto contido em seu Blog.

a partir de 1978, quando, devido ao pouco espaço para a publicação de poemas, passou a colocá-los a giz, nas portas das lojas (quando fechadas), nos centros comerciais da Baixada Fluminense, no município do Rio de Janeiro e, em Niterói e São Gonçalo (mas, principalmente em Nova Iguaçu). As portas de aço com ranhuras, pintadas com tinta fosca e escura, refletiam bem os poemas; sucintos, feitos de forma clara, para que os passantes pudessem lê-los caminhando. A gização chegou a virar um movimento de poetas. O grupo foi batizado com o nome de “Caco de Vidro”, na década de 90. Daí desembocando em outros movimentos poéticos-culturais. (MATUS, 2016)

A Gização de Moduan Matus, embora utilizasse o giz como material, é precursora dos atuais grafites e suas apresentações nas praças, bares e quintais, de certa maneira, também já se antecipa aos eventos promovidos pelos chamados escritores marginais de periferia, como os integrantes da COOPERIFA (NASCIMENTO, 2009). Embora não se filie exatamente aos poetas da chamada Geração Marginal, já citada, sofre sua influência e/ou dialoga com ela. Além de ser um poeta de grande produção artística, é, ainda, um ativista cultural e pesquisador da cultura de seu lugar. Os poemas de Edgard Matos articulam reflexões importantes inerente à cultura, às identidades literárias contemporânea, passando pela discussão de aspectos cotidianos, de problemas sociais, que desembocam em bares, praças e quintais. A atuação de Moduan Matus na

cultura da Baixada Fluminense tem como vertente central seu trabalho poético que contém algumas questões importantes de municípios baixadenses.

Tal trabalho é marcado por uma forte afetividade em relação a esse espaço marcado por muitos estigmas, talvez por pertencer a uma região que costuma ser lembrada como violenta. Para dar um exemplo de algo representativo de tal estigma, menciona-se a presença, durante décadas, da influência do político Tenório Cavalcante, que se tornou nacionalmente conhecido a partir da exibição da obra cinematográfica “O Homem da capa preta”, do cineasta Sérgio Resende, em 1986. Destaca-se, na lembrança desse personagem polêmico da política brasileiro, o fato de ser um dos migrantes que, vindos de situações de penúria, no nordeste, fizeram da Baixada Fluminense sua Canaã. Como ele, inúmeros outros - como o multiartista Francisco Barboza Leite, autor do Hino de Duque de Caxias -, radicaram-se na Baixada Fluminense, se inserindo em uma espécie de “diáspora interna”, provocada pela expulsão de grupos imensos de retirantes de seu antigo lugar. Como uma guerra, as secas como as de 1915, retratada por Raquel de Queirós em *O Quinze*, expulsavam os nordestinos do seu lar (lugar). Assim, a Baixada Fluminense se torna, mais que refúgio, o lugar dos nordestinos, bem ao lado da cidade do Rio de Janeiro, a Capital do Estado homônimo.

Embora não seja nordestino, Moduan respira a cultura trazida pelos migrantes. Nas poesias do autor, percebe-se a presença de reflexões agudas sobre as cidades da Baixada. Moduan é um poeta crítico, entretanto sob seu crivo reflexivo percebe-se a presença de um grande teor de afetividade. Suas críticas não são fortuitas, emanam de um conhecimento pessoal dos problemas e virtudes de sua região. Tanto as mazelas como os pontos positivos baixadenses apresentados em suas poesias, ao contrário do que possa parecer, em uma visão apressada de sua obra, apontam para a desconstrução de um olhar viciado sobre a periferia do estado do Rio de Janeiro. A Baixada, nas obras de Moduan é incorporada enquanto lugar, no sentido cunhado por Yi-fu Tuan. A identidade poética do artista envolve-se nas cores de sua região, sem olvidar seus estigmas.

Juntamente com a problemática das identidades, surge a discussão sobre a noção de marginalidade. Tal marginalidade, na obra de Moduan Matus não se relaciona a questões sócioeconômicas, como ocorre com o escritor Ferrez, da localidade paulista do Capão Redondo, que se autodenomina - assim como seus companheiros Sacolinha e Sérgio Vaz, dentre outros -, autor marginal de periferia (NASCIMENTO, 2009). Em

realidade, sua situação poética dialoga com a problemática da marginalidade, quando se pensa na exclusão, do seu lugar de fala. Entra em questão, como se pode perceber, a próprio olhar das elites sócio-econômicas- culturais. Não se trata, portanto, de uma marginalidade de base econômica, mas sim em termos de dificuldade de acesso a um grande público ou, em certo sentido, de uma auto-exclusão. Moduan Matus foi citado por Heloisa Buarque Holanda e Carlos Alberto Messeder Pereira, por suas poesias, na década de 1970 (1982), quando iniciou sua caminhada poética, com sua peculiar “gização”, não teve muitas outras grandes menções e nem saiu do seu lugar. Não se aponta, aqui, para uma efetiva “poética marginal”, no sentido de isolamento ou enfrentamento. Ao contrário, o poeta - e seus companheiros - busca seus espaços nas ruas, nas escolas, praças e também na internet. Seu Blog permite que se conheça com rapidez o que aqui se discute. O território marginal é do mundo, embora sua voz parta da periferia.

Stuart Hall (2014) e Zygmunt Bauman (2004) em textos conhecidos, entendem que o “pertencimento” e a identidade não são tão sólidos quanto pensa a tradição ocidental. As identidades e o pertencimento são “negociáveis”. Ao se discutir sobre as novas territorialidades, em termos sócio-políticos, abre-se, também para os estudos das ciências humanas novos e ricos caminhos especulativos, no que diz respeito aos campos da cultura e das linguagens artísticas. Ratificando o que aqui se diz, o polonês Bauman, reafirmamos que “tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a todo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a identidade”. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Pertencer a um determinado “lugar”, em locais centrais, como a Polônia - o caso de Bauman -, ou à Jamaica - caso de Hall -, diferencia-se bastante de pertencer a uma comunidade, no sentido brasileiro. Ou seja, o pertencimento a uma comunidade como o Capão redondo, o Complexo do Alemão, ou à Baixada Fluminense, situa, ou liga, de imediato, o sujeito a um estigma, a uma visão ou condição, se não de excluído, de subalterno, no sentido que lhe dá Gayatri Spivak, em sua obra “Pode o Subalterno falar” (2014)

No texto acima citado, a autora indiana reflete sobre a situação da mulher em uma sociedade em que a mesma ainda não conquistou seu “lugar de fala”. O estudo de Gayatri permite, que se possa criar um diálogo reflexivo aproximando diversos “lugares de discurso”. A poesia metamorfósica de Moduan, em sua vertente baixadense, aponta para a relação entre o lugar, no sentido já aqui descrito, de Yi- Fu Tuan e a ecologia, como ocorre na criação de um poema em que o eu-lírico afirma: “No centro de uma cidade da Baixada, / cortam duas árvores centenárias”. (MATUS, 2016)

Dizimando o ambiental
Abreviando a matéria
Tradicional igreja
No centro de uma cidade na baixada
Cortam as duas árvores cinquentenárias.
Esvai-se cerne e seiva
Alma do seu estacionamento
É que os dízimos
Não são diários (Matus, 2016)

Além de não serem árvores comuns, por serem históricas, as árvores são a alma do lugar. Ao cortarem-nas, cortam o cerne da vida (da memória) e da tradição do lugar. Mas o que marca em termos de criatividade poética é o jogo semântico provocado pela transformação do substantivo díximo - que aponta diretamente para o campo religioso -, no verbo dizimar. A ambição ou a ignorância dos religiosos locais dizima, destrói um patrimônio natural importante. Esse acontecimento poderia ocorrer em qualquer município baixadense, na sua Nova Iguaçu, em Nilópolis, em Duque de Caxias ou Belford Roxo. Moduan Matus, nesse pequeno poema, também revela uma forte capacidade de síntese. O viés afetivo, apontado pelo geógrafo Tuan encontra-se, com clareza nesse poema que se encaixa entre os textos poéticos de Moduan sobre a região da Baixada Fluminense. A problemática das identidades periféricas está no bojo da criação textual de Matus.

Em um outro poema, agora sem título, também publicado no Blog do autor, na seção intitulada “A poética Baixada Fluminense e um pouco de poema sobre a Baixada”. Temos retomada a problemática das identidades periféricas.

O jardim de éden
No momento
Feito de resto de Sacolão

São organismos desorganizados
Revezes do chão.(MATUS, 2016).

Ao invés de remeter ao Éden bíblico, da tradição ocidental, global, eu-lírico aponta para o seu lugar, um dos bairros da Baixada Fluminense denominado Éden. E a analogia se abre para um trabalho criativo, alegórico. Os restos de um sacolão demarcam o paraíso. Para quem lembra da história recente do lixão de Gramacho, transformado pela câmera do glamour midiático, muitos se beneficiam da pobreza econômica das periferias. O lixo entrou na moda. O trabalho de Vik Muniz ou o filme *Lixo Extraordinário* abrem novos espaços de reflexão sobre esses outros não-lugares /lugares das nossas sociedades. E com ele, aproveitam os estudiosos da exclusão social na literatura, retornando a reflexões sobre autores, temas e personagens que durante muito tempo ficaram à margem das grandes discussões literárias, como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, a problemática das favelas, das minorias, enfim, da exclusão social.

Zygmunt Bauman em sua importante obra *Vidas desperdiçadas* afirma que o grande problema contemporâneo está na necessidade de se saber o que fazer com o lixo. Mais ainda, o sociólogo afirma serem os humanos refugos. Por esse prisma aberto pelo autor polonês, pode-se dizer, retomando a interpretação do poema de Moduan Matus que a preocupação do poeta se volta para a profundidade do problema que o eu-lírico matusiano desvela. O dízimo pode caminhar para a dizimação das culturas, das pessoas, das árvores, enfim, dos seres vivos, que terminam por se transformar em resíduos refugados pelas atitudes excludentes das elites dominantes.

Em um outro poema que traz elementos críticos sobre a região da Baixada Fluminense, relacionada à questão do refugio humano e à crítica aos desleixos não apenas dos cidadãos, mas também do poder público, o eu-lírico inicia com uma descrição e, demonstrando grande capacidade metafórica, chama a atenção dos leitores para aquilo corta a baixada, cortando o coração do baixadense:

Caídas no valão
Carcaças, sacos e pneus
Presos a entulhos de desconstrução
A turva água
Se junta
Enquanto paredão
Cortando a baixada

Cortando o coração
Formando o esquecimento
Sonho de decomposição
Principalmente nos olhos fechados
Por falta de visão (MATUS, 2016)

Apontando para problemas do cotidiano de seu lugar, Moduan joga com o termo desconstrução, que remete aos estudos de Jacques Derrida, inserindo-o em um contexto de destruição. A utilização desse termo aponta para o perigo de não se realizar uma revisão da ideia de que não haveria solução para os problemas da região. Ao cortar o coração da baixada, o lixo – em vários sentidos – despejado nas águas da Baixada, levam ao esquecimento, o sonho de que a água se torne novamente potável, de que a vida se torne novamente saudável, no lugar. Fica clara a denúncia, no final do poema: (...) Formando o esquecimento/ sonho de decomposição/ Principalmente nos olhos fechados.

Mas há senão saídas, alternativas bem brasileiras e locais para, se não acabar com todos os problemas, conviver com eles, e quem sabe, superá-los através da solidariedade, da amizade, que tem nos bares um forte reduto, como se pode depreender nesse último poema aqui lembrado:

Uma cerveja baixa renda
Numa birosca
Refresca, descontraí
Bom se for gelada a tosca
À rasca
Quintessenciar
Entre conceito e preconceito
Lugar e não lugar
Objeto e coisa em si
Pertença
Despertar
Mas há quem perca o Glamour
Há quem passe acolá
Mesma estrada
E há quem tenha fetiche
Ao dono do bar

Além de apontar para a importância do bar como espaço de descontração, o eu-lírico, usando um neologismo, “quintessenciar”, filosofa e remete o texto a questões

menos prosaicas, pondo como pares antitéticos, conceito e preconceito, lugar e não lugar, objeto e coisa em si. Um certo clima acadêmico invade o poema e o frescor possibilitado pela cerveja embala uma reflexão apenas supostamente descontraída. Estão aí questões importantes como a do preconceito, que marca a região da Baixada, com o estigma de cidade dormitório violenta, local de desovas e crimes, que ficou guardada na memória dos brasileiros. Embutidos nesses mesmos versos estão as noções de lugar, espaço saudável, lar e não-lugar, espaço usado de passagem.

As noções de lugar e não lugar, que remetem para estudos de autores como Marc-Augé, Milton Santos e YiFu Tuan, dentre muitos outros, no poema, desvelam o olhar estigmatizado acerca da relação entre os municípios de Duque de Caxias e Rio de Janeiro, espaço-dormitório (não-lugar) e não lugar propriamente dito. Em vez de sujeito de si mesmo, o baixadense seria objeto, coisa, portanto, sem identidade própria. A ideia de pertencimento e a crítica aos estigmas, que desprega do verso anterior, vem acompanhada por um temo composto utilizado por Immanuel Kant em sua importante Primeira Crítica, a Crítica da razão. A coisa em si se opõe ao fenômeno. O ser humano, segundo o filósofo, com seu aparelho cognitivo, não pode aspirar ao conhecimento ou visualização da “coisa-em-si”, do nômene, e sim do fenômeno. Assim, no bar, o eu lírico vislumbra o paradoxo em que vive o baixadense. Talvez falte a este a percepção da importância de perceber sua identidade, abrir os olhos para a importância do seu lugar, refletir sobre sua pertença, como menciona um dos versos do poema em destaque. É preciso despertar, para o pertencimento.

Mas no momento em que as coisas (reflexões) esquentam, como ocorre no verso “Mas há quem perca o glamour/Há quem passe acolá”, parece que o eu-lírico desperta, também, para outra questão importante. É preciso saber lidar de maneira crítica, mas não perder o tom refrescante, necessário à luta do poeta para iluminar questões inerentes ao pertencimento e às identidades. E o humor - mesmo ainda crítico - toma as rédeas do texto: “E há quem tenha fetiche pelo dono do bar”.

CONCLUSÃO

O presente texto, além de permitir que se conheça e divulgue a qualidade e a importância do trabalho do poeta nova iguaçuano Moduan Matus, que milita na poesia desde os períodos de vigência estética da chamada geração mimeógrafo, trata de

questões desentranhadas dos próprios poemas como a do lugar, das identidades, do pertencimento, dos estigmas e das marginalidades. A vertente da poética de Matus dedicada (direta ou indiretamente) à questão do pertencimento e das identidades na Baixada Fluminense contém poemas ricos não apenas no que diz respeito às problemáticas aqui mencionadas, mas também à capacidade criativa do poeta.

A partir da interpretação de trechos dos poemas, pôde-se refletir sobre a maneira como a problemática do lugar, trabalhada poeticamente, pode desvelar a relação entre a identidade, pertencimento, estigma e preconceito. A região da baixada, estigmatizada, vista como não-lugar, lugar de passagem, perigoso, por muitos brasileiros, na poesia de Moduan Matus recebe um tratamento que, sem deixar de ser veementemente crítico é afetuoso, aponta para a necessidade de que se perceba sob todas as críticas, uma vontade de ver o seu lugar, o seu lar, mais saudável, menos maltratado pelos cidadãos e por aqueles que têm a obrigação de velar pela a qualidade de vida dos municípios formadores da Baixada Fluminense. Se o pertencimento é negociável, para lembrar do que já se mencionou ao longo deste texto, a voz lírica do poema de Moduan Matus concentra seus esforços em lutar pelo seu lugar. Assim, a Baixada Fluminense que abriga inúmeros grupos identitários, como o dos nordestinos mencionados no início deste artigo pode ser entendida, a partir das reflexões realizadas, como um lugar receptivo, solidário, acolhedor, que serve e serviu como “terra prometida” para muitos migrantes, e que merece todo o respeito.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. Não lugares uma introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidades. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Trad. De Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Poesia Jovem – anos 70. São Paulo, Abril Educação, 1982
- MATUS, Moduan. Blog do autor. <http://moduanmatus.blogspot.com.br/p/p.html>,
Visualizado em: 27/10/2016
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro:

Aeroplano, 2009

SPIVAK, Gayatri Chacravorty. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, UFMG, 2014.

TUAN, Yi Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Londrina, Eduel, 2013.